

Sobre o delírio na psicose: A relação com o Grande Outro na paranoia e na esquizofrenia

Paula Rodrigues Calado

Mas há sempre coisas atrás de mim.
Sinto a sua ausência de olhos fitar-me, e estremeço.
Sem se mexerem, as paredes vibram-me sentido.
Falam comigo sem voz de dizerem-me as cadeiras.
Os desenhos do pano da mesa têm vida, cada um é um abismo.

Trecho de “A múmia”, de Fernando Pessoa

As psicoses são estudadas por diversos campos do conhecimento, e foram amplamente exploradas pela psiquiatria, especificamente em duas vertentes de pensamento: a tradição germânica e a francesa, sendo frequentemente relacionadas a uma gênese orgânica, como aponta Jacques Lacan em 1932 em sua tese *Das psicoses paranoicas em suas relações com a personalidade*. O objetivo deste trabalho é, a partir de uma perspectiva lacaniana sobre fenômeno da psicose, apresentar as distinções entre o campo das neuroses e das psicoses no que diz respeito à lógica do significante, mais especialmente no que tange aos tipos clínicos de paranoia e esquizofrenia. Além disso, buscou-se explorar a relação do psicótico com a linguagem e a localização do sujeito diante do Grande Outro.

Lacan nos ensinou que não devemos recuar diante da psicose. Em seu *Seminário 3*, sobre as psicoses, nota-se um interesse do autor em ressaltar que o que difere o campo das neuroses das psicoses é, antes de mais nada, a relação do sujeito com o significante. Ele afirma: “A promoção, a valorização na psicose dos fenômenos de linguagem é para nós o mais fecundo dos ensinamentos” (LACAN, 1956-57/1988, p. 167). Desse modo, os psicóticos sofrem, assim como os neuróticos, de uma relação com a linguagem, mais precisamente, do efeito do significante, sendo assim, necessário pensar a psicose a partir de uma lógica do simbólico (QUINET, 2014).

No que diz respeito à diferenciação topográfica entre fenômenos neuróticos e psicóticos, Lacan introduz, ainda no *Seminário 3*, a ideia de que na psicose tem-se a rejeição de um significante primordial, primitivo, que, ao ser excluído do primeiro corpo de significantes, constitui uma espécie de falha quanto à apreensão da realidade. Assim, depreende-se nas páginas seguintes de seu seminário que, para o psicótico, não se trata de recalque, do “disso nada querer saber”. Na psicose, o significante inconsciente que ordena o registro do simbólico se situa numa exterioridade ao sujeito, exterioridade essa que é evocada no delírio e na alucinação. O mecanismo que rege a relação do sujeito com o significante na psicose é denominado por Lacan de *Verwerfung* ou foraclusão.

Trata-se agora de saber sobre o que incide a foraclusão. No campo das neuroses, há a inclusão de um significante primevo que institui a lei na ordem simbólica; esse significante é denominado de Nome-do-Pai e barra o gozo absoluto, o que institui na neurose a elaboração da fantasia (LACAN, 1956-57/1988). O significante do Nome-do-Pai instaura a interdição do gozo absoluto no simbólico. Segundo Izcovich (2002, p. 51):

A não integração da ameaça de castração se refere à relação do sujeito com a lei e com o que desta pode se inscrever, ou não, inconscientemente. O passo seguinte será considerar que um significante está foracluído.

Na neurose, a interdição do gozo absoluto faz com que o neurótico produza a fantasia, caracterizada por Lacan como a *janela para o real* (LACAN, 1956-57/1988). A fantasia neurótica estrutura a realidade psíquica, e permite ao sujeito não ser diretamente invadido pelo insuportável do real como na psicose. O neurótico é capaz de simbolizar quando o real lhe bate à porta. A alienação ao desejo do outro, instaurada no Estádio do Espelho, no registro do Imaginário, faz com que o Outro do neurótico seja inconsistente, castrado. Na psicose, devido à não inclusão do significante do Nome-do-Pai e à elisão do falo, o Outro carece do significante da lei. O Outro é absoluto, onipotente, consistente, gozador (QUINET, 2014).

Na psicose não se trata de fantasia e sim de delírio ou alucinação, uma vez que o significante foracluído da cadeia simbólica retorna pela via do real, o que implica uma realidade que se estrutura a partir do registro real. O que Lacan destaca ser o ponto primordial de diferença entre neurose e psicose é o modo de relação do sujeito com o significante, ou seja, sua posição diante do grande Outro. O neurótico, por possuir o significante do Nome-do-Pai, é capaz de encadear os significantes e emergir como sujeito intervalar, na escansão, entre os significantes encadeados.

O Nome-do-Pai é responsável pela organização da cadeia de significantes a partir da articulação entre S_1 e S_2 . O S_1 , *essaim*, significante unário, é aquele que introduz o primeiro corpo de significantes e articula-se a S_2 . S_2 é sempre uma tentativa de repetição de S_1 e, a partir daí, desenvolve-se a cadeia como tal. No entanto, na psicose, devido à não incidência do Nome-do-Pai e à não instituição da lei fálica no simbólico, a relação do sujeito com o S_1 se diferencia do que se vê na neurose (QUINET, 2009).

A ausência do significante da lei não permite a articulação entre significantes, e, conseqüentemente, o encadeamento. A psicose é marcada por uma desordem significante. É o que nos mostra Quinet, a partir de Lacan, ao afirmar que a relação com o significante-mestre (S_1) diferencia-se na paranoia e na esquizofrenia, uma vez que na primeira há o mecanismo de *Verhaltung*, ou seja, a retenção do S_1 e a identificação do sujeito com esse Um ordenador da cadeia. Ao reter o S_1 e com ele se identificar, o paranoico localiza-se diante do Grande Outro como o único, o mestre. Isso é o que posiciona, em muitos casos, paranoicos como líderes religiosos, chefes de Estado, gurus de neuróticos (QUINET, 2009).

Em se tratando de esquizofrenia não há S_1 e, com isso, não há organização da cadeia a partir de uma matriz simbólica. Em consequência, o esquizofrênico nos mostra um inconsciente a céu aberto, que se manifesta na dispersão dos significantes, como atesta Lacan em seu *Seminário 3*, ao afirmar que os psicóticos sofrem de um distúrbio de linguagem. Isso é evidenciado na esquizofrenia, uma vez que a ambivalência, devido à não oposição no inconsciente e à condensação que forma neologismos, aparece no discurso esquizofrênico. Por causa disso, a fala é ilógica, bizarra, descarrilhada. “O esquizofrênico não sabe por que está dizendo tudo aquilo” (QUINET, 2009, p. 72). O que impera na esquizofrenia é a desordem.

É relevante destacar que tais distúrbios de linguagem fazem com que o discurso psicótico apresente uma temporalidade própria, portador de uma singularidade perceptível no *setting* analítico. Como Lacan (1956-57/1988, pp. 56-57) diferencia o campo das neuroses e psicoses no *Seminário 3*:

Na neurose é no segundo tempo, e na medida em que a realidade não é plenamente rearticulada de maneira simbólica no mundo exterior, que há no sujeito fuga parcial da realidade, incapacidade de enfrentar essa parte da realidade, secretamente conservada. Na psicose, ao contrário, é realmente a própria realidade que é em primeiro lugar provida de um buraco, que o mundo fantástico virá em seguida cumular.

A temporalidade referida tem relação com a posição do significante no real, que está perdido, não encadeado. No caso da esquizofrenia, pela falta do Nome-

do-Pai, não há amarração entre significante (S) e significado (s), bem como não há ponto de basta na cadeia significante, o que impede ao sujeito a precipitação de sentido. Por tal motivo, destaca-se a importância do corte da sessão no tratamento analítico dos esquizofrênicos, para que os significantes que dispersam sejam de alguma maneira, barrados. Um apelo à organização. Daí percebe-se a incapacidade do psicótico em simbolizar devido ao rompimento do primeiro corpo de significantes. O psicótico é um desenlace por excelência (QUINET, 2009).

Assim, o surto é deflagrado justamente no momento da vida do sujeito no qual há uma exigência para a simbolização. A demanda do simbólico, diante da incidência do real, é o que descompensa o sujeito e faz advir o surto. Lacan elucidou sobre as psicoses propondo que na alucinação a voz que fala é a do real. O delírio seria nada mais do que uma tentativa de fazer frente à não simbolização e à incidência insuportável do real.

Na paranoia, o sujeito é invadido pelo olhar do Outro e não há barreira para o gozo alheio. O olhar localiza-se na paranoia como objeto *a*, o que dá ao sujeito a certeza antecipada de que há alguém que o olha e dele goza. O objeto *a* está na paranoia para além do mais-de-gozar, ele se apresenta no mais-de-olhar (QUINET, 2002).

Segundo Lacan, em 1975 no *Seminário RSI*, “a paranoia é um visco imaginário” (*apud* QUINET, 2002). Sendo assim, o sujeito é tomado pelo sentido do imaginário, da imagem especular, do que lhe é escópico. Uma vez que não há simbolização possível na psicose, não existe, portanto, o duplo sentido do simbólico. Aqui o sujeito é invadido pelo não sentido do real e dá sentido aos significantes que o cercam, sendo tomado pelo registro do imaginário. “Ele vê sentido em tudo e abole o acaso: toda coincidência é suspeita” (QUINET, 2002, p. 20).

Sobre a formação do delírio, Lacan afirma que no delírio paranoico trata-se de um delírio de significação, de modo que tudo que cerca o alienado são signos repletos de significação própria, a ele endereçados. Sobre a posição delirante de Schreber, Lacan (1956-57/1988, p. 94-95) afirma:

Ele é violado, manipulado, transformado, falado de todas as maneiras, é, eu diria, tagarelado. [...] É justamente disso que se trata – ele é a sede de todo um viveiro de fenômenos [...]. Num sujeito como Schreber, as coisas vão tão longe que o mundo inteiro está tomado desse delírio de significação, de tal modo que se pode dizer que, ao invés de estar só, quase nada há de tudo o que o cerca que, de certo modo, ele não seja.

Com base nos estudos de Antônio Quinet, em *Psicose e laço social: Esquizofrenia, paranoia e melancolia*, podemos afirmar que na psicose o sujeito não habita a linguagem, mas é habitado por ela, o que faz do psicótico um mestre da linguagem apesar de fora do discurso (QUINET, 2009).

Na esquizofrenia, o corpo é tomado pelo real, o que situa o esquizofrênico nos fenômenos corporais de despedaçamento, desaparecimento, cadaverização. O retorno ao autoerotismo, anterior ao estágio do espelho, faz com que a dispersão dos significantes incida sobre o corpo e o esquizofrênico seja tomado pela linguagem. Na paranoia, o delírio apresenta uma sistematização devido ao mecanismo de retenção (*Verhaltung*) do significante-mestre (S_1). O que se evidencia na paranoia é o centramento do sujeito, tomado pelos olhares e pelas vozes do Outro vigilante.

Portanto, percebe-se a organização delirante na paranoia a partir de dois – o olhar e a voz – dos quatro objetos pulsionais propostos por Lacan. Dessa forma, o sujeito é visto e falado, inserido em uma realidade que é marcada pela “sonorização do olhar” (QUINET, 2002, p. 22). O Outro do paranoico goza, julga, persegue. Ele é o centro de todo amor ou de todo o ódio do Outro.

No entanto, o delírio pode assumir diferentes facetas de sistematização. Lacan propõe um retorno a Freud, que, ao publicar sobre o caso Schreber em 1911, apresenta modelos de organização delirante sobre a causalidade do delírio paranoico. A lógica freudiana aponta para um desejo homossexual que formaria o núcleo central da paranoia a partir da formulação gramatical: “Eu o amo”. Partindo de uma leitura freudiana, há uma perspectiva econômica no que diz respeito ao investimento da libido e à escolha objetal.

Sigmund Freud, ao publicar sobre o caso Schreber, acredita que a grande questão que gira em torno da formação do delírio na paranoia é uma suspensão do investimento da libido em objetos e pessoas, e o retorno de tal catexia em direção ao ego. Sendo assim, o paranoico vivenciaria um processo de luto, devido à perda de um objeto investido e, em vez de substituí-lo, assim como faz o neurótico, o investimento retornaria para o ego, sendo percebido pelo sujeito como exterior a ele. Aí está o ponto fundamental que para Freud define a paranoia como fonte de investimento eminentemente narcísico (FREUD, 1911-13/1996).

Para Freud, as organizações delirantes na paranoia seriam estratégias de defesa a tal desejo homossexual inconsciente, de modo que nos delírios de perseguição, de erotomania, ciúme e megalomania, a frase inicial articula-se de diferentes modos. A formulação “Eu o amo” se transformaria a partir de dois mecanismos: a negação e a projeção. A primeira é semelhante ao processo neurótico, em que algo inconsciente é rejeitado. No entanto, na psicose paranoica a projeção atua sobre o que foi inicialmente negado, fazendo com que o desejo inconsciente seja articulado de modo a ser percebido em uma exterioridade ao sujeito.

Freud, diante do caso Schreber, apresenta os quatro modelos delirantes na paranoia da seguinte maneira: no delírio de perseguição ocorre uma negação do verbo da frase primordial “Eu o amo”, de modo que o verbo amar é negado, e por projeção, coloca-se em seu lugar o verbo odiar. A negação do verbo é projetada no

Outro. Sendo assim, tem-se a seguinte equação: Eu o amo – Eu o odeio (negação do verbo) – Ele me odeia (projeção). Mais precisamente: “Ele me odeia, por isso me persegue”.

No delírio de erotomania ocorre a negação do objeto da frase inicial. Ou seja, o que antes era “Eu o amo”, desejo inconsciente de um homem por outro homem, ao sofrer negação do objeto, torna-se o amor de um homem endereçado a uma mulher, constituindo a frase: “Eu a amo”. Por mecanismo de projeção, torna-se “Ela me ama”. O erotômano é gozado pelo Outro pela via do amor (QUINET, 2014).

No delírio de ciúme há a negação do sujeito. “Eu o amo” transforma-se em “Ela o ama”. Assim: “Não sou eu que o amo, é ela, e por isso me trai”. Tais equações do delírio na paranoia tornam possível a compreensão do axioma lacaniano de um inconsciente estruturado como uma linguagem, já que o delírio constitui-se a partir de uma formulação gramatical e suas flexões, provando que assim como o neurótico, o psicótico também é efeito do significante.

Há, ainda, uma quarta forma de delírio. Esta contradiz toda a formulação gramatical, quando “Eu o amo” é transformado em “Não amo de modo algum – não amo ninguém”. Trata-se da megalomania. Aqui, nega-se a frase inicial como um todo, atestando que na megalomania não há investimento libidinal para além do ego. Isso retorna como: “Eu só amo a mim mesmo”. Freud nos mostra que todas as formas delirantes paranoidicas apresentam sua fonte na megalomania, uma vez que todos os delírios incluem uma supervalorização egoica (FREUD, 1911-13/1996).

Lacan, no *Seminário 3*, sobre as psicoses, destaca a importância de deixar que o psicótico fale o maior tempo possível. O analista deve ouvir o delírio como um campo de significação que carrega certo significante que insiste em retornar. Os analistas devem compreender a organização do delírio e não tentar submeter o discurso delirante à lógica neurótica, muito menos reduzi-lo a partir de um referente de realidade.

Dentre os erros que um analista pode cometer diante de um psicótico, o pior deles é tentar organizar seu discurso por meio de uma causalidade, ou ainda, tentar compreendê-lo. Não se trata de compreender, mas de ouvir os significantes que retornam no real e os efeitos que provocam no sujeito (LACAN, 1956-57/1988).

As questões recorrentes quanto ao tratamento das psicoses são as seguintes: como seria possível analisar um sujeito incapaz de simbolizar? Há a possibilidade de, por meio da análise, criar laços e unir real, simbólico e imaginário? Como foi discutido por Freud: haveria transferência?

Lacan afirma que é necessário, aos analistas, pensar uma clínica da psicose para além do registro do simbólico e, assim, distingui-la radicalmente da clínica das neuroses. A intenção não é neurotizar o psicótico, mas ser guiado por sua tempo-

ralidade e discurso singulares. Os psicóticos procuram a análise, frequentemente, com a demanda de que o analista faça barreira ao gozo do Outro (QUINET, 2014). Diante da psicose, os analistas devem se posicionar como “secretários do alienado” (LACAN, 1956-57/1988, p. 235), ou seja, disporem-se a ouvir a relação do sujeito com o Outro e se colocar como testemunhas da loucura.

Em seus *Escritos*, no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses”, Lacan propõe que o ato analítico incida sobre uma manobra de transferência. Segundo ele, a transferência na clínica da psicose é maciça, de modo que o analista é inserido na organização delirante (LACAN, 1966/1998). Há, então, um grande risco de, nos casos de paranoia, o analista tornar-se o perseguidor, o não castrado, como Schreber posiciona o Dr. Flecshig. A partir daí, depreende-se que no tratamento das psicoses há transferência. No entanto, a manobra de transferência faz-se necessária para barrar o gozo do Outro, pelo qual o sujeito psicótico é invadido. O analista deve apontar para um Outro castrado, inconsistente, incapaz de tudo gozar (QUINET, 2014).

No que diz respeito à formação de laços, Lacan nos mostra no *Seminário 23*, sobre o *sinthoma*, que é possível, por meio da análise, que o sujeito psicótico seja inserido nos discursos, forme laço social. Sabe-se que a criação do laço social pode se dar por meio da arte. Tomemos como exemplo Arthur Bispo do Rosário, que foi capaz de se inserir em discursos por meio da produção artística, ou ainda, como Joyce que, por meio da escrita, alcançou a estabilização do delírio. Tem-se ainda o caso do Homem dos Lobos, que, ao receber tal nomeação por Freud, foi capaz de fazer suplência ao Nome-do-Pai foracluído e assujeitar-se, fazer-se um nome (QUINET, 2014).

Para Lacan, o quarto elemento do nó borromeano que teria a função de elo dos três registros, real, simbólico e imaginário é o Nome-do-Pai. Devido à foraclusão deste, o psicótico não é capaz de enlaçar, simbolizar, nem de inserir-se nos discursos. Com isso, é ainda no *Seminário 23*, que Lacan aponta para a estabilização do delírio a partir de uma metáfora delirante, que seria uma forma de ordenar os significantes. Essa estabilização ocorre a partir da substituição do significante do Nome-do-Pai, por um significante suplente ideal. A nomeação tem função borromeana, uma vez que o sujeito é abordado como falasser, *parlêtre* (LACAN, 1975-76/2007).

Sobre a análise de um sujeito psicótico, não se pode ter certeza do que virá. Deixá-lo falar é permitir que, por meio da análise, o sujeito produza algo, que delire de outras formas. Cada um produzirá à sua maneira, e a metaforização do delírio proposta por Lacan acontecerá de forma singular a cada sujeito. A loucura pode produzir discursos diversos, obras de arte, de literatura, de poesia, possibilitando ao sujeito psicótico ser capaz de delirar com dignidade, de forma ética, estética e

moral. Cabe a nós, psicanalistas, secretariar a relação do sujeito com a palavra e ouvir os significantes aos quais a sua realidade está submetida.

Temos muito ainda a aprender com a psicose. Freud nos ensina que os psicóticos são capazes de nos revelar exatamente aquilo que os neuróticos tanto se preocupam em manter como segredo. Estar diante de sujeitos psicóticos nos permite desconstruir determinadas noções de realidade e estar diante da nossa própria loucura. É por meio da transferência que ouviremos o sujeito que advém no delírio, valorizando sua subjetividade, podendo, assim, enxergar a beleza do trabalho psicanalítico diante da insanidade. E como nos ensinou Mário Quintana, fazer da insanidade poesia: a forma mais lúcida de loucura.

referências bibliográficas

- FREUD, S. (1911-13). “O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos”
In: *Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v.12). Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 21-89.
- IZCOVICH, L. (2002). Os paranoicos e a psicanálise. In: QUINET, Antonio. *Na mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.
- LACAN, J. (1956-57). *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1988.
- _____. (1966). “De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1975-76). *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Trad.: Sergio Laia. Rev.: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. (1932). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade; seguido de Primeiros escritos sobre a paranoia*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- QUINET, A. (2002). “O número um, o único” In: QUINET, Antônio [org.]. *Na mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.
- _____. (2006) *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia* (2ª. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- _____. (2014). *Teoria e clínica da psicose*. 5ª. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

resumo

Tendo em vista a complexidade dos fenômenos psicóticos e a importância do reconhecimento, por parte do analista, da psicose na experiência clínica, o objetivo deste trabalho é abordar as psicoses de ordem paranoica e esquizofrênica, por meio de uma perspectiva lacaniana, diferenciando-as do campo das neuroses. Explorou-se também a relação do psicótico com a linguagem e a localização do sujeito em face do Grande Outro. O que diferencia o sujeito psicótico do neurótico é a sua relação com o significante. Com base nos estudos de Jacques Lacan sabemos que na psicose não há recalque, ou seja, não se trata de um inconsciente enigmático que exige um deciframento do discurso por parte do analista. Em se tratando de psicose, o inconsciente está presente de uma maneira singular: desvelado. Foram levantados questionamentos sobre a clínica da psicose no que diz respeito à transferência, à simbolização e ao lugar do analista ante àquele que delira.

palavras-chave

Psicoses; linguagem; significante; inconsciente.

abstract

In light of the complexity of the psychotic phenomena and the importance of identifying psychosis in the clinical experience by the analyst, the objective of this article is to approach the cases of psychosis of paranoia and schizophrenia through a Lacanian perspective, and differentiate them from those in the field of the neurotic types. The article has also explored the relation of psychotic with language and the position of the subject in relation to the Big Other. The difference between the psychotic and the neurotic subjects is its relation to the significant. Based on Jacques Lacan's work, we know that in psychosis there is no psychological repression, that is, it does not concern an enigmatic unconsciousness which requires the analyst to decipher the discourse. Regarding psychosis, the unconscious is present in a singular manner: unveiled. Questions about the clinic of psychosis were raised in relation to transference, symbolization, and the place of the analyst towards the person who are delirious.

keywords

Psychosis; language; significant; unconscious.

recebido

27/01/2016

aprovado

22/03/2016

